

Bernardo Tavares assumiu a equipa dos New Radiant este mês

POR
ELSA BICHO

Nas Maldivas por amor... ao futebol

BERNARDO TAVARES tem 36 anos. Apesar de tão jovem treinador apresenta já no currículo vastas e interessantes experiências, desportivas e culturais. Depois de ter passado pela formação de Benfica, Sporting e FC Porto, bem como por outros emblemas nacionais (Benlenses, GC Alcobaça, Carregado, Gil Vicente e Tourizense), Bernardo já treinou na Tanzânia (African Lyon FC), em Omã (Al Nahda Sports Club) e no Bahrain (Al Hidd Club), tendo agora embarcado em nova aventura: é, desde janeiro, treinador dos New Radiant Sports Club, das Maldivas, república no Oceano Índico ao sudoeste do Sri Lanka e da Índia, ao sul do continente asiático.

«Pois, os outros vêm cá passar a lua de mel, eu venho treinar. Casado, eu? Só com o futebol», ri-se o técnico, feliz com a receção que o esperava. Sendo careca, assim que aterrou em Malé, a capital, depois da viagem/escala até Istambul de quatro horas e de mais cinco horas de voo até ao destino, logo surgiu a comparação.

«'Olha outro Neca', disseram-me, em alusão ao prof. Neca que foi selecionador das Maldivas. Aliás, disseram-me: 'Olha outro professor Gomes'. Aqui tratavam-no assim e a mim também me chamam só de Tavares», conta, extasiado com as paisagens típicas de filme romântico e de cartão-postal que agora se tornaram cenário do seu quotidiano.

«É igual ao que vemos na televisão. Águas azul turquesa, palmeiras, ilhas selvagens... O aeroporto é uma ilha e aqui, em Malé, dou a volta à ilha a correr em meia hora. São cinco km. Mas a quantidade de motas? A densidade populacional é um absurdo. Setenta e cinco por cento das pessoas anda de mota, quinze de carro e dez por cento de bicicleta. É muita gente, mais de 250 mil pessoas. São mais de mil ilhas e só 203 são habitáveis. Claro que os turistas são às centenas», confirma Bernardo Tavares, lembrando do exótico currículo.

«Já passei por África, Ásia e

Europa, tenho trabalhado em sítios lindos, incríveis. Daí que os meus amigos me chamem o treinador ginecologista, pois dizem que só

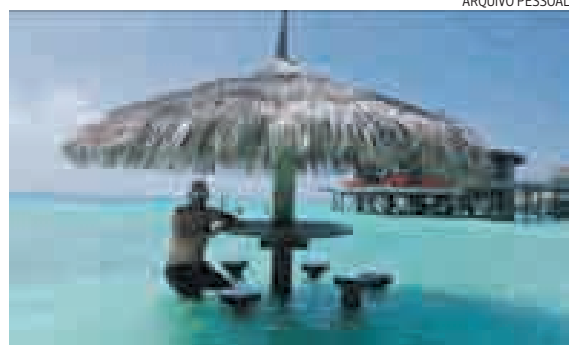
trabalho onde os outros vão por prazer e lazer», ri-se, de novo, intercalando a conversa com o adjunto, Joaquim Valinho, que o

acompanha. «Por acaso estamos a comer hambúrgueres, mas é só hoje. Aqui o peixe é uma maravilha. Muitas frutas, como maçãs, são importadas, que eles não têm. Mas depois há bananas, papaias e outras tropicais que sinceramente, como estas, nunca tinha visto», conta, fascinado com «a natureza em todo o seu esplendor».

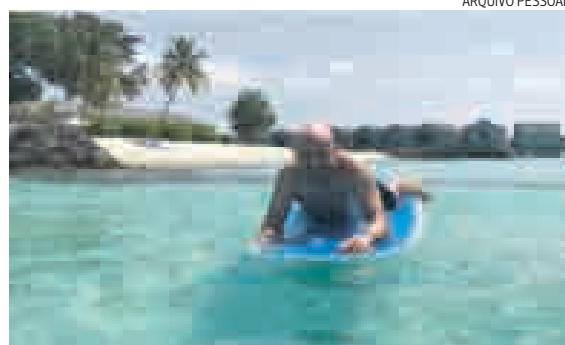
«A adaptação só pode ser fácil. Além de estar dentro de um filme, fala-se inglês. Para mais reconheço algumas palavras árabes cuja fonética é parecida com o divehi, língua nativa daqui», acrescenta Bernardo, «o novo Neca» das Maldivas.



As ilhas irmãs de Malé, a capital, são idílicas. Técnico português visitou-as na folga



Jovem treinador publicou nas redes sociais fotos de fazer inveja



E assim aproveitou bem o primeiro dia de descanso

Pausa no treino para ouvir-se o Corão

→ **Religião sempre presente. Treinos fechados é algo impensável nos campos de Malé**

As Maldivas esbarraram na vida e carreira de Bernardo Tavares.

«Há um ou dois anos enviei o meu currículo para a federação daqui. O treinador de guarda-redes do New Radiant pertencia à federação e viu o que enviei, vídeos, inclusive. Quando o clube precisou de treinador ele tinha o meu CV e ligaram-me. Tive três, quatro dias para pensar e disse logo que sim.

Este é o clube com mais adeptos e títulos. Género o Benfica daí. Os valores eram agradáveis e não refleti mais», introduz, partilhando como as diferenças culturais e religiosas se impõem no dia a dia.

«Apesar de já ter estado no mundo árabe, em dois países, aqui é engraçado porque quando se ouvem as mesquitas durante o treino, ao contrário do que acontecia no Bahrain que eles paravam e rezavam, aqui paramos todos o treino e só depois da audição das mesquitas, ou seja, do cantar do Corão

que dura aproximadamente cinco minutos, é que continuamos a trabalhar. Eles rezam antes ou depois do treino. Mas naqueles cinco minutos, que por vezes coincidem com o horário dos treinos, tudo pára», conta o técnico, identificando a maior dificuldade, falando agora de futebol.

«Perceber o nível dos jogadores e da equipa. Estamos em pré-época, o campeonato começa dia 16 de fevereiro e há que recuperar os índices físicos já que não competem há meses. No plantel tenho

três estrangeiros e um asiático: um espanhol, um inglês, um holandês e um japonês. O resto são todos jogadores locais. Claro que o futebol asiático não tem a intensidade do europeu, nem eles têm a forma física daí», acentua Bernardo, satisfeito com as condições encontradas. «Aqui querem ganhar todas as competições:

campeonato e taças. Há um estádio nacional onde jogam todas as equipas da primeira liga. Há depois um campo anexo onde treinam as equipas de seleção. Temos ainda dois sintéticos. Ou seja, treinos à porta fechada é coisa impossível por aqui. Nem havia como. Eu assisto aos treinos dos outros e os outros ao meu!»



ARQUIVO PESSOAL

ARQUIVO PESSOAL

ARQUIVO PESSOAL

ARQUIVO PESSOAL

ARQUIVO PESSOAL